

Nosso avô do Vêneto

» JAIME PINSKY

Historiador, professor titular da Unicamp, doutor e livre-docente da USP, organizador e coautor do livro *Novos combates pela história* (Editora Contexto)

O fato é indiscutível. Um número cada vez maior de brasileiros sai do Brasil para não mais voltar. Na verdade, até voltam, mas por pouco tempo, só para matar a saudade, já que fixaram residência em países que consideram mais promissores. Brasileiros que vivem nos EUA e na Europa adoram nos visitar no final do ano, quando o frio no Hemisfério Norte fica desagradável e eles passam a sonhar e idealizar nossas praias com água morna, areia fina e acesso livre. São hordas de brasileiros lotando os aeroportos do Primeiro Mundo para duas semanas de Brasil. Passado esse tempo, em que recarregam as baterias, eles voltam ao país que escolheram para residir, onde conseguem ter um padrão de vida superior.

Por aqui, muita gente anda pesquisando suas origens, não por súbito amor à história, mas para ver se encontram algum bisavô que possa garantir à família um documento que assegure a cidadania europeia. Nunca se suspirou tanto por aquele camponês do Vêneto que, cansado de ser explorado, juntou sua numerosa família e suas poucas posses e veio ao Brasil em busca de liberdade, pão e uma pequena gleba onde pudesse trabalhar sossegado. Agora, um século depois, o sentido é inverso, todos daqui almejam um passaporte da União Europeia, na esperança de permitir uma vida melhor para os descendentes.

O que aconteceu com nosso país? A resposta sabemos todos, embora não tenhamos muita coragem de formulá-la claramente. Mas meus leitores do **Correio**, com quem dialogo há muitos anos, merecem franqueza. O Brasil não se tornou aquele país que esperávamos. Não temos aqui uma sociedade solidária. Não temos aqui uma democracia funcional. Não temos aqui uma justiça razoável. Não temos aqui um ensino universal de qualidade.

Por mais que os formalistas tentem explicar as firulas processuais, nenhum ser humano normal, dotado de um mínimo de bom senso, pode aceitar o fato de que todos os políticos julgados, mesmo os raríssimos condenados nas instâncias inferiores a penas longas, acabam saindo livres, ricos, respeitados e, com frequência, presenteados com cargos públicos bem remunerados. Por seu lado, o STF preocupa-se em manter penas como a de uma pobre infeliz que surrupiou algumas barras de chocolate no supermercado e teve a ousadia de pedir perdão. “A lei tem que ser aplicada”, dizem

os arautos da injustiça seletiva.

Na área da Educação, o descalabro é geral. Em vez de buscar o apoio de boas universidades e bons especialistas, os governos (e estou usando o plural, não estou falando apenas da era bolsonarista) aparelham os setores do Ministério de Educação, que deveriam ter um caráter técnico, com gente sem um mínimo de condição curricular e intelectual para desempenhar até papéis subalternos. O resultado é a transformação de uma área que, algumas décadas atrás (como nos tempos do presidente Itamar Franco), prometia ser séria, apolítica e destinada a estabelecer políticas de Estado, em mera aplicadora de receitas ineficientes.

O resultado tem sido o esvaziamento crescente do órgão, pois gente boa, quando convocada, não consegue implantar propostas sérias, mesmo as que estão dando certo em muitos outros países. E por aí vamos reproduzindo a desigualdade, não dando oportunidades iguais a todos e fazendo remendos com sistemas de cotas que, evidentemente, só beneficiam os poucos privilegiados, não a maioria da sociedade. O sistema de cotas não é uma solução, é um paliativo e, como tal, precisa ser visto.

Democracia? A despeito dos esforços de poucos, a despeito de ser melhor uma democracia formal (que não é mais do que democracia aparente, não real) à democracia alguma (e ministros inteligentes, como Barroso,

sabem disso), vamos ser sérios... Que democracia é esta? O sistema democrático tem, entre seus princípios básicos, o conceito da igualdade de oportunidades. Que oportunidade igual tem um adolescente de 18 anos, que fez uma escola pública na periferia da cidade, contra outro, que estudou em uma escola particular de ponta, que custou mais de 5 mil reais por mês e prepara cuidadosamente os alunos para o vestibular?

Igualdade de oportunidade? Piada. Esse estudante entra em medicina, ou engenharia, ou administração, ou economia em uma excelente faculdade pública. Faz o curso superior sem pagar nada. Como não há refeição grátis, todos nós pagamos. Vejam só a ironia: somos nós, todos nós, com nossos impostos, inclusive os mais pobres entre nós, os financiadores do estudo superior do garoto de boa família. No final, o rapaz vai fazer uma pós-graduação nos EUA e nunca mais volta ao Brasil, a não ser no final do ano, para mostrar à sua noiva, americana ou europeia, como o seu país é lindo... nos 15 dias em que passa aqui.

Quando o sujeito é muito generoso, mas muito generoso mesmo, pois não tem nenhuma obrigação de fazer isso, ele faz uma pequena contribuição à faculdade em que estudou de graça durante quatro, cinco ou seis anos. E fica chateado que não coloquem uma plaquinha lembrando seu ato patriótico. Feliz ano-novo a todos.

tem um impacto socioambiental. E, hoje, com a consciência coletiva fortalecida contra os desvios éticos e a intolerância aos desvios de conduta dos agentes públicos, é inadmissível estimular compras de sonegadores de impostos. Se combatemos a corrupção, não podemos admitir a sonegação, afinal isso seria contraditório. Enquanto o fisco não consegue impedir a sonegação nessas plataformas digitais, só o consumo consciente vai proteger o nosso varejo dessa injustiça. É hora de o consumidor pensar naquele comércio que sempre o atendeu e que, em momentos difíceis, facilitou o seu consumo para atender a ele e a sua família. O consumidor não deve aceitar comprar de sonegadores. Deve denunciar e rejeitar essa oferta de produtos permeada da sedução do crime da sonegação.

Se queremos uma Brasília mais justa e ética, temos que optar por fornecedores corretos que sejam comprometidos com os dispositivos legais. A tecnologia transforma o varejo, e não adianta resistir. Tem que se adaptar. Aquele que não se conectar à nova realidade ficará de fora desse mercado. Mas a cada compra feita nessas plataformas, com a sonegação influenciando no preço, significa a opção pelo errado em detrimento daqueles que procuram trabalhar de forma correta. Só o consumo consciente pode fazer justiça àqueles que têm uma difícil luta pela sobrevivência no comércio local, que sempre esteve aberto e pronto para atender as famílias do Distrito Federal. O marketplace não pode se transformar em um ambiente onde impera a Lei de Gerson. A consciência dos consumidores e do governo precisa acordar a sociedade para a dura batalha da geração de empregos no Distrito Federal e para a valorização de quem ama e protege Brasília.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

A translação em volta do umbigo

Ao completar nossa translação anual em torno de nossa estrela, o Sol, o que muitos cidadãos de bem deste planeta e, principalmente, do nosso país voltam a desejar, é que a rota elíptica, que agora é reiniciada, no tempo e no espaço, possa, de alguma maneira, propiciar um amadurecimento da raça humana, em especial dos brasileiros, afastando-os de tudo aquilo que conduz à destruição de nossa espécie e da nossa nacionalidade.

Desde a antiguidade que o reinício de cada ciclo natural das atividades agrícolas, divididas em preparo da terra, semeadura e colheita, passou a ser também emprestado e comparado aos ciclos de vida dos indivíduos, com o preparo da infância, a integração ou semeadura da pessoa no grupo social, finalizando com a procriação da espécie e o reinício de todo o ciclo.

São observações básicas, mas que fazem muito sentido, quando se nota a evolução de nossa espécie ao longo da história ou das muitas voltas que a Terra deu em torno de sua estrela. Para a mecânica do cosmos, pouco ou nada significa o movimento dos astros ou a interferência de Cronos, o tempo, em relação à vida aqui na Terra.

Fomos nós que trouxemos esses movimentos celestes e os incorporamos às nossas atividades cotidianas como forma de inserir algum significado visível à vida nesse planeta. As comemorações que, por séculos, têm sido realizadas nessa e em outras datas específicas, são meras convenções sociais, sem sentido prático, quando se nota que ao longo da história humana, pouco ou nada esses movimentos ou o tempo foi capaz de alterar no comportamento humano.

As guerras e os milhares de conflitos que se seguiram ao longo de toda a presença humana sobre o planeta, alcançando até os nossos dias, provam que não é a mecânica dos astros ou o deus Cronos que altera o comportamento humano, mas sim a ação de estímulo e repressão dos homens sobre outros homens.

Essas ações de estímulo e repressão aparecem primeiro na família, sendo depois estendidas para a sociedade, onde todo o processo se dá. São, portanto, as convenções sociais que regulam, favorecendo ou inibindo o comportamento e a evolução humana. Sendo assim, cabem às instituições, como a própria família, às escolas servirem de guias para a correta condução do indivíduo para o seio da sociedade.

E é aí que a coisa toma um rumo que nenhum movimento dos astros é capaz de solucionar e que nos coloca hoje como uma nação repleta de problemas humanos básicos a serem resolvidos e que são, a cada ano, preteridos por quem deveria fazê-los. Mas, ainda assim, a translação da Terra pode servir como exemplo a ensinar que está no eterno retorno às origens, a solução para muitos dos conflitos humanos e, sobretudo, no nosso caso particular, mostrar que estão na família e em escolas de qualidade as respostas que a nação busca para seu desenvolvimento.

Tivéssemos enfrentado a questão da melhoria das escolas, desde o tempo em que educadores como Anísio Teixeira ou Darcy Ribeiro apontavam como primordiais, hoje, não teríamos que assistir ao triste espetáculo de vermos uma nação, como a brasileira, totalmente analfabeta em termos políticos, sem qualquer ciência de seus deveres e direitos políticos, polarizada entre os abismos de uma extrema esquerda e de uma extrema direita, guiada como gado em marcha para o matadouro.

Podem culpar as estrelas ou ao ano que termina por nossa sina. A questão do movimento dos astros começa e termina em nosso próprio umbigo.

» A frase que foi pronunciada

“Culturas de empresa são como culturas de nações. Tentar mudar é inútil. Tente, em vez disso, trabalhar com aquilo que você tem neste momento.”

Peter Drucker

Lições

» Não faz muito tempo, os repórteres da TV da Câmara dos Deputados precisaram de apoio psicológico depois de um documentário das prisões no Brasil. O Conselho Nacional de Justiça lançou, com o apoio do Departamento Penitenciário Nacional, as Regras Mínimas das Nações Unidas para o Tratamento de Pessoas Presas, as Regras de Nelson Mandela. Se estiver curioso, acesse o *Blog do Ari Cunha* no Google para acesso ao link.

Pioneiro

» Mais do que o final do ano, a data de nascimento tem um peso maior para a renovação de cada um. É por isso que o pioneiro Geraldo Vasconcelos tem, há décadas, uma agenda com o aniversário dos amigos, dos filhos dos amigos, dos cônjuges, dos netos e, agora, dos bisnetos. Um cuidado que mostra a dedicação em homenagear as pessoas queridas na hora certa. Quem tiver a oportunidade de ler *Transformando o impossível em possível*", vai compreender melhor como Geraldo Vasconcelos é especial.

» História de Brasília

É este pedido resistindo a todos os estudos dos técnicos, o plano de venda dos apartamentos apresentado pelo Ministro Franco Montoro. Achem os estudiosos, que as ações das companhias do governo nem tôdas são valorizadas, e iria, a aplicação do plano, prejudicar a Previdência Social. Isto, porque os Institutos receberiam papel, entregariam os apartamentos, e caberia à Prefeitura construir novas unidades residenciais. (Publicada em 16/02/1962)

A sonegação do marketplace e o consumo consciente

» VALDIR OLIVEIRA

Superintendente do Sebrae/DF

As plataformas digitais chegaram para ficar. A pandemia consolidou as relações entre empresa e consumidor por meio desses canais que trouxeram a comodidade como fator determinante na decisão de consumo. As grandes marcas que são proprietárias dessas plataformas se consolidaram e ganharam credibilidade junto aos consumidores com preços muito competitivos. A pandemia e o risco sanitário mantiveram fechado por um tempo o pequeno varejo, deixando livres as plataformas que avançaram no consumo, tendo benefícios de empregos e impostos longe de Brasília, muitas vezes em outros países, aproveitando-se da nossa renda. Enquanto isso, nosso varejo tenta sobreviver com custo de estrutura física, encargos trabalhistas e impostos, enfrentando ainda a perda de faturamento, fruto de concorrência das plataformas digitais que hoje alcançam consumidores em todos os lugares do mundo, inclusive aqui em nossas regiões administrativas.

A conectividade facilitou a realização de negócios entre consumidor e fornecedor. Basta ter acesso à internet, um celular e um cartão de crédito para comprar em uma plataforma digital. Isso é o marketplace. É assim que essas plataformas estão avançando na base de clientes do varejo formada pelos pequenos negócios com suas lojas físicas. A cada dia, os pequenos negócios estão perdendo seus clientes para essas plataformas digitais, porque não conseguem competir com o portfólio de produtos, a comodidade da venda e, principalmente, o preço. Por esses canais é muito fácil a comparação de preços. Em um momento em que a população tem perdido o poder de compra, o preço é fator decisivo na compra.

A formação de preço é o pulo do gato nos negócios. É onde um negócio pode prosperar ou se inviabilizar. A formação do preço é o somatório dos custos, tributos e margem de lucro. No varejo, onde a concorrência é acirrada, uma alteração de qualquer das três variáveis pode significar o sucesso ou o insucesso de um negócio. Para que a micro ou pequena empresa se mantenha em condições de concorrência, o Estado intervém reduzindo a carga tributária dos pequenos negócios. Mas para que eles se mantenham vivos, precisam ter custos muito ajustados e uma reduzida margem de lucro. Essa é a luta diária dos pequenos negócios para manter mais de 50% dos empregos formais no país.

Para que as plataformas digitais tenham um portfólio maior de produtos ofertados, elas fazem parcerias com fornecedores que utilizam seus canais para realizar negócios diretamente com os consumidores. Os preços nessas plataformas digitais são imbatíveis, o que inviabiliza a possibilidade de concorrência das lojas físicas, que mantêm empregos espalhados pelo Distrito Federal. Essa guerra é a disputa do emprego gerado em Brasília contra o emprego gerado, muitas vezes, em outros países. Mas o pior é perceber que, ao fazer essa compra, muitas vezes, o consumidor recebe em casa uma mercadoria sem o devido acompanhamento da nota fiscal, com clara sonegação de imposto, tornando ainda mais desleal a concorrência que não destrói apenas nosso varejo, mas nossos empregos e impostos que devem ser reinvestidos para a sociedade. É o marketplace de forma desleal destruindo o varejo que gera emprego e renda no Distrito Federal.

O Consumo Consciente é aquele onde a escolha do produto ou serviço a ser consumido